

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE TRABALHO DE CAMPO XV ENG - 2008¹

**Dieter Heideman
Fernanda Pinheiro
Léa Malina
Maíra Pinheiro
Marcela Dias**

Uma vez que o ENG seria realizado em São Paulo, a comissão se formou com pessoas ligadas a esta seção local, que se dispuseram a contribuir na organização dos trabalhos de campo.

Convictos de que o trabalho de campo é de suma importância na formação do geógrafo, pois não há produção do conhecimento sem a relação entre o empírico e o teórico, procuramos garantir que a atividade possibilitasse essa interação.

Historicamente, os trabalhos de campo tiveram um papel importante dentro da AGB, constituindo-se como parte significativa das assembléias e da consolidação das pesquisas geográficas no Brasil. A preocupação com esta tradição agebeana norteou todo o processo de organização desta atividade no XV ENG, valorizando este momento do encontro.

Organização das atividades da Comissão

Inicialmente foram encaminhados e-mails e cartas convidando à participação professores, grupos de pesquisa e laboratórios do Departamento de Geografia da USP e da PUC-SP, que praticam o trabalho de campo como forma didática e de pesquisa. Houve, desde o princípio, uma busca pela diversidade temática dos trabalhos de campo e da formação de seus coordenadores.

Num primeiro momento, recebemos aproximadamente 10 propostas que foram discutidas no âmbito da comissão. Uma vez que a previsão de participação no ENG chegava a 5.000 pessoas a comissão pretendia oferecer trabalhos de campo para aproximadamente 1.000 pessoas. Assim, reforçamos os convites feitos e buscamos diálogo com possíveis proponentes.

Foi elaborada uma ficha de inscrição das propostas, solicitando informações que orientassem a operacionalização dos trabalhos de campo, com os seguintes itens: tema, roteiro, duração, quantidade de vagas, monitores, infra-estrutura necessária (transporte, alimentação, materiais), orçamento previsto e observações.

Adotamos uma prática de organização em torno de reuniões, internas da comissão, e com os proponentes. As reuniões da comissão eram realizadas semanalmente, e tinham como objetivo definir datas, prazos e o andamento das atividades da comissão, tais como questões orçamentárias, materiais a serem distribuídos, inscrições e pré-inscrições.

Já as reuniões com os proponentes dos trabalhos de campo serviam para socializar as propostas da comissão e para ampliar as instâncias de decisão, a fim de possibilitar uma maior inserção de todos na dinâmica da comissão. Não foi fixada previamente a periodicidade destas, a princípio foi marcada uma única reunião em nosso calendário, e foi surgindo a necessidade de encontros constantes com os proponentes. Estes foram marcados com antecedência e comunicados por e-mail. Essa prática possibilitou uma aproximação mais orgânica entre proponentes e comissão, resultando uma boa desenvoltura do trabalho realizado.

Em abril tínhamos 19 propostas, e no dia 24 realizamos o primeiro encontro com os proponentes, com a seguinte pauta:

- 1) O trabalho de campo na história da AGB e dos ENG's;
- 2) Operacionalização do trabalho de campo durante o XV ENG: caderno de campo

¹ Relatório da Comissão de Trabalho de Campo constituída para o XV Encontro Nacional de Geógrafos realizado em 2008 na cidade de São Paulo.

com ementas, roteiros (mapas), material didático (mapas, textos, etc.), cronograma; transporte; alimentação; orçamento; monitoria;

3) Atividades pré- e pós-campo (eventuais reuniões preparatórias com os inscritos durante o ENG, relatórios posteriores e publicações).

Nesta data definimos os seguintes pontos:

^{a%} Existiria a possibilidade de realização de um pré-campo durante a semana do encontro, que poderia acontecer no momento desejado pelo proponente, e deveria constar (data, local e horário) no caderno de campo.

^{a%} A entrega das ementas deveria ser efetuada até o dia 1º de junho, pois, em seguida, as divulgaríamos no site do encontro e iniciariamos as pré-inscrições.

^{a%} A idéia foi que todos os trabalhos de campo tivessem um caderno explicativo que seria entregue no momento da inscrição do campo (21 de julho de 2008). Este material deveria ser confeccionado pelo proponente e enviado por e-mail à comissão juntamente com a ementa, no dia 1º de junho, para que houvesse tempo de viabilizar a impressão dos mesmos.

^{a%} Foi colocada a possibilidade de organizarmos alguma atividade pós-campo, como por exemplo, a publicação, via Internet, de textos e reflexões sobre os trabalhos realizados, tanto dos participantes quanto dos proponentes.

Cadernos e blocos de campo

Incentivamos os proponentes a elaborar um caderno de campo a fim de possibilitar uma preparação, mesmo que incipiente, para as saídas, considerada importante na realização desta atividade. O caderno traria informações prévias sobre os locais a serem conhecidos, mas principalmente elementos teóricos para pensar o trabalho.

A seguinte estrutura foi sugerida para o caderno de campo: aproximadamente 10 páginas; ementa; informações a respeito de alimentação e outros avisos necessários; roteiro (com cronograma); mapas; textos (do próprio coordenador e/ou outros textos de apoio); questões relevantes para problematização do campo; bibliografia.

Com exceção de um trabalho de campo, todos os demais tiveram cadernos confeccionados, pela comissão, a partir do original preparado pelo proponente. O trabalho de campo realizado na Estação Ciência teve material próprio da exposição visitada.

Blocos de anotações com 30 folhas foram confeccionados, servindo não só para as observações, mas como uma lembrança da atividade. Na capa traziam uma fotografia antiga de um trabalho de campo realizado pelo Professor Araújo, organizado pelo Centro de Estudos Geográficos Capistrano de Abreu, em Casa Branca, 1958. A primeira página continha um poema de Bertolt Brecht, intitulado “A exceção e a regra”, homenageando o texto clássico sobre trabalho de campo do geógrafo Bernard Kaiser “O geógrafo e a pesquisa de campo”. Os blocos foram produzidos numa gráfica e, com inspiração Roseana, juntamos a cada um deles um lápis com borracha amarrado num barbante.

Os cadernos de campo qualificaram essa atividade do ENG, já que proporcionaram uma aproximação prévia dos participantes com textos, mapas e imagens sobre os temas e locais que seriam visitados.

Muitos dos proponentes não entregaram o caderno na data prevista, e nós os aceitamos até a semana anterior ao evento, o que possibilitou que todos os trabalhos de campo, menos um, tivessem um material sobre a atividade. Porém, o atraso na entrega dificultou a nossa organização.

Os cadernos foram impressos nos computadores no ENG, como já havia sido previamente acertado. No entanto, conseguimos iniciar as impressões somente na semana anterior ao evento, quando também os certificados e diversas outras tarefas que dependiam dos computadores estavam sendo realizadas, conturbando todas as atividades de impressão.

Isso resultou na necessidade de horários alternativos para os trabalhos da comissão.

Temas e trabalhos

Foram realizados 22 trabalhos de campo. As mais variadas áreas da geografia e a

diversidade de proponentes foram contempladas. Os trabalhos foram realizados durante o sábado dia 26/07, e, excepcionalmente, no sábado e domingo 26 e 27/07. Apresentamos a seguir os temas, proponentes e as ementas dos trabalhos de campo realizados.

A cidade de São Paulo compreendida a partir de seu centro histórico. O trabalho de campo como ferramenta para o ensino da geografia

Grupo de Estudos “Geograficidade Paulistana”

DURAÇÃO: 1 dia – das 9h às 13h.

EMENTA: Realizar uma abordagem da cidade de São Paulo possibilitando uma compreensão de seus aspectos histórico-geográficos;

Abordar os aspectos culturais existentes no Centro da cidade, bem como compreender sua formação sócio-espacial;

Comparar a atual ocupação espacial do Centro da cidade em face das demais.

Explorar as técnicas de trabalho de campo em Geografia;

Incentivar o desenvolvimento de roteiros de trabalhos de campo a serem praticados no ensino básico de Geografia;

Divulgar a produção acadêmica dos alunos da graduação do curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

OBJETIVOS

Oferecer um viés eficiente e interativo de desenvolver trabalhos de campo de maneira autônoma no ensino de Geografia, salientando a interdisciplinaridade dos mesmos e destacando as potencialidades existentes de qualquer lugar; estudar a realidade concreta que nos cerca, a feição do viver urbano, desvendando sua paisagem.

ROTEIRO: Praça da Sé; Largo São Francisco; Pátio do Colégio; Largo São Bento; Praça do Patriarca; Viaduto do Chá/Vale do Anhangabaú; Teatro Municipal.

VAGAS OFERECIDAS: 40

INSCRIÇÃO: gratuita

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE: O “Grupo de Estudos Geograficidade Paulistana”, fundado no início de 2007 por alunos da Graduação, atua na busca do conhecimento geográfico atrelado ao caráter social que o trabalho de campo representa como ferramenta interdisciplinar para uma educação pública de qualidade. Proporciona diálogos entre professores da rede municipal e estadual, seus alunos e moradores das comunidades que têm acesso àquelas escolas, visando a capacitação, o crescimento pessoal e o interesse em compreender a cidade onde vivem. Conta com a colaboração de diversos professores do Departamento, tais como Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato, Profa. Dra. Valeria de Marcos, Profa. Dora. Glória da Anunciação Alves e Profa. Dra. Léa Francesconi.

A Territorialização dos monopólios /monopolização do território na Agricultura Paulista e a luta camponesa pela reforma agrária

Prof. Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira

DURAÇÃO: 2 dias

EMENTA: Este trabalho de campo visa discutir os conceitos de territorialização dos monopólios e a monopolização do território na agricultura paulista e a luta camponesa pela reforma agrária. Ele será realizado na região de Campinas, Piracicaba e Limeira e constará de visitas a diferentes unidades agroindustriais da produção sucro-alcooleira e da produção de suco concentrado de laranja. Constará também, do trabalho de campo a visita a acampamento e assentamento de sem terras para contato com sua luta contra o agronegócio e pela reforma agrária.

Roteiro:

1º dia (26/7): São Paulo, Piracicaba, Araras, Limeira (visita a áreas de domínio dos setores sucro-alcooleiros e citrícola).

2º dia (27/7): Limeira, Americana e Sumaré (visita a acampamento e assentamentos da reforma Agrária).

Os participantes deverão levar caderneta de campo, maquina fotográfica e/ou filmadora e gravador. Além disso, deverão levar roupa de cama (inclusive cobertor), pois o

NOTAS: RELATÓRIO DA COMISSÃO DE TRABALHO DE CAMPO XV ENG - 2008...

alojamento será na USP Pirassununga. Será cobrada taxa de R\$ 8,00 pelo pernoite.

VAGAS OFERECIDAS: 45

INSCRIÇÃO: R\$ 11,00

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE: Professor do Departamento de Geografia da USP, pesquisador da questão agrária no Brasil.

Agricultura Camponesa em São Paulo

Prof^a. Dr^a. Valeria de Marcos

DURAÇÃO: 1 dia - das 7h às 19h (saída e chegada na USP)

EMENTA: Roteiro: Bairro da Videira (Indaiatuba) – Bairro Reforma Agrária (Valinhos) – Bairro da Roseira/Bairro Nova Odessa (Jundiaí)

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 20,00

APRESENTAÇÃO DA PROPONENTE: Professora do Departamento de Geografia da USP, pesquisadora do Laboratório de Geografia Agrária, atuando principalmente nos seguintes temas: produção camponesa, produção coletiva, produção comunitária, agricultura camponesa e geografia e anarquismo.

Baixada Santista: dinâmica territorial atual

Prof^a Dr^a Mónica Arroyo e Daniel Monteiro Huertas

DURAÇÃO: 1 dia – das 8h às 20h (Saída e chegada na USP)

EMENTA: Do planalto ao litoral, propomos observar a dinâmica territorial atual de um dos pontos mais antigos do Brasil.

Roteiro: Descida da Serra do Mar pela Via Anchieta. Visita ao Pólo Petroquímico de Cubatão, às instalações do Porto de Santos e ao centro histórico da cidade. Saída pela Ponte Pênsil, em São Vicente. Subida da Serra pela Rodovia dos Imigrantes.

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 22,00

APRESENTAÇÃO DOS PROPONENTES: Mónica Arroyo é professora do departamento de geografia da USP, pesquisadora do Laboplan – Laboratório de Geografia Política, Planejamento Ambiental e Territorial, com ênfase em pesquisa em Geografia Econômica, atuando principalmente nos seguintes temas: globalização, regionalização, América Latina, Mercosul, uso do território, fronteiras e comércio internacional. Daniel Monteiro Huertas é Mestre em Geografia Humana pela USP e também pesquisador do Laboplan.

Compartimentos geomorfológicos do Estado de São Paulo e alguns solos representativos

Prof^a. Dr^a. Déborah de Oliveira

DURAÇÃO: 1 dia – das 8h às 20h (saída e chegada na USP)

EMENTA: Objetivo do trabalho de campo: apresentar os seguintes compartimentos geomorfológicos do Estado de São Paulo, partindo da USP do Campus da Capital, rumo à cidade de São Pedro, no interior do Estado: Planalto Atlântico, Depressão Periférica e Cuestas Basálticas.

Percurso previsto: partiremos do Planalto Paulistano, inserido no Planalto Atlântico Paulista, passando pela Depressão Periférica Paulista, na Zona do Médio Tietê, onde veremos alguns solos representativos deste compartimento do Estado, como Neossolos Quatzarênicos, Argissolos Vermelho-Amarelos e Nitossolos. Por fim, subiremos a Serra de São Pedro, no compartimento denominado de Cuestas Basálticas.

VAGAS OFERECIDAS: 41

INSCRIÇÃO: R\$ 7,00

APRESENTAÇÃO DA PROPONENTE: Professora do Departamento de Geografia da USP, pesquisadora do Laboratório de Pedologia, tem experiência na área de Geografia Física, com ênfase em Pedologia e Geomorfologia, atuando principalmente nos seguintes temas: sistemas pedológicos, micromorfologia de solos, evolução do relevo a partir da rede de drenagem, capturas fluviais, relação solo/relevo e ensino de solos.

Das centralidades da cidade à periferia da metrópole: a expansão do eixo empresarial e a constituição da “urbanização crítica”

Grupo de Estudos sobre São Paulo – GESP

DURAÇÃO: 1dia – das 7h45 às 18h (saída e chegada na USP)

EMENTA: A idéia de realizar uma atividade de saída a campo para conhecer algumas localidades da cidade de São Paulo é vista como um momento articulado ao processo de desvendamento teórico dos conteúdos que fundamentam a produção do espaço urbano desta metrópole. Assim, o caminho teórico define um percurso concreto que delimita uma região de estudo. Tal região nos permite identificar exemplarmente um mesmo processo (se bem que distinto temporalmente), no qual o capital financeiro, o setor imobiliário e o Estado produzem uma espacialidade em função de suas estratégias reprodutivas. Este processo produz uma morfologia, uma paisagem que pode ser empiricamente apreendida através de uma visita com intervenções analíticas de pesquisadores que fizeram/fazem daquelas localidades seu objeto de investigação. A idéia é a de que a visita a campo nos permita dar substância e reproblematicar os debates teóricos realizados no âmbito das Comunicações Coordenadas propostas pelo Grupo de Estudos sobre São Paulo – GESP – no XV Encontro Nacional de Geógrafos. O objetivo da atividade proposta é apresentar sucintamente a cidade de São Paulo através de um corte teórico-metodológico (que é uma hipótese central do GESP): o espaço como condição contraditória da reprodução do capital. Assim, procuraremos problematizar a constituição das centralidades de valorização na cidade como processo intrinsecamente associado de expropriação dos mais pobres e explosão das periferias da metrópole. Por isso focaremos nosso trabalho no reconhecimento do movimento espacial da constituição do chamado eixo empresarial até os limites formais/legais da cidade, vislumbrando e percorrendo parte das imensas periferias, particularmente aquelas mais consolidadas.

O percurso proposto tem início na área central da cidade, que vem sofrendo recentemente um intenso processo de “revitalização” a partir do distrito da Luz, através do conhecido processo de gentrificação, que acarreta/pressupõe amplas desapropriações e a reintegração daquele espaço ao movimento da reprodução dos capitais imobiliários e financeiros. Trata-se, em certo sentido, de um retorno da capitalização imobiliária e financeira do centro, uma vez que este foi historicamente o primeiro espaço de concentração da atividade terciária, sendo o marco inicial da expansão da valorização fundiária através do eixo sudoeste da cidade em direção à marginal do Rio Pinheiros. O segundo momento do trabalho de campo apresenta as avenidas Paulista (no espigão central), Faria Lima e Luís Carlos Berrini (já na várzea do Pinheiros) como espaços de expansão dos negócios empresariais e do negócio da valorização fundiária propriamente como estratégia imobiliária, respectivamente nas décadas de 60, 70 e 80, que não seguem, todavia, uma cronologia tão linear, uma vez que na década de 90 a expansão da avenida Faria Lima produziu a Operação Urbana Faria Lima, bem como Operação Urbana Água Espreada na avenida de mesmo nome (atual avenida Jornalista Roberto Marinho), mais ligada à viabilização da circulação viária das áreas residenciais nobres para a avenida Eng. Luís Carlos Berrini e avenida Nações Unidas (marginal Pinheiros). Na seqüência partimos para Santo Amaro, onde poderemos verificar, na região lindeira à Marginal Pinheiros e à Rua Verbo Divino, uma reestruturação espacial ligada à reconversão, pela ação imobiliária, de antigos terrenos com galpões industriais à atividade terciária, atestando a construção de inúmeros empreendimentos não apenas residenciais mas também de equipamentos de lazer e turismo, evidenciando o consumo simbólico do espaço como momento de sua valorização econômica efetiva. A observação desta localidade contribui para que se possa refletir sobre a tese da desconcentração industrial e da desindustrialização relativa de certas áreas da metrópole paulistana face à constituição de uma urbanização sob a égide da economia financeira. Ainda em Santo Amaro, poderemos perceber as estratégias informais de sobrevivência e reprodução das populações mais pobres nos arredores do Largo Treze de Maio, seja aquelas estratégias ligadas ao comércio ambulante, seja aquelas ligadas ao acesso à alimentação como modo de viver as contradições urbanas. Trata-se do reconhecimento do nível social, das práticas cotidianas frente à produção formal/legal do espaço e da vida urbanas. De lá partiremos para o Grajaú,

região periférica, onde poderemos observar diferenças evidentes quanto ao ambiente construído e ao movimento da vida, que se assentam sobre o que alguns chamam de ausência da cidade, de suas centralidades culturais, dos espaços de lazer, embora estas sejam recriadas e apropriadas nos termos do urbano como processo crítico. Se o Estado e a formalidade da propriedade parecem vacilar nessas áreas, o Centro Educacional Unificado (CEU) Grajaú surge como uma ilha da presença institucional do Estado voltada à população do entorno. Por fim passaremos pelo “bairro” do Panamby, na Vila Andrade (próximo ao Morumbi), que materializa uma expansão para “o outro lado do rio” das estratégias de valorização do espaço e que constituiu, a partir de um Fundo de Investimento Imobiliário (FII Panamby) uma grande região para a instalação de grandes empreendimentos imobiliários residenciais voltados às camadas de rendimento mais elevadas da população. Nesse local poderemos situar os limites e as fronteiras espaciais da valorização, bem como poderemos perceber um perfil de urbanização afeito à lógica da nova economia financeira, que traz inúmeras implicações sócio-espaciais para a vida urbana, como a agudização do processo de homogeneização-hierarquização-fragmentação do espaço, cuja resultante é a auto-segregação.

Bibliografia

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CORDEIRO, Helena Kohn. Centro da metrópole paulistana: expansão recente. São Paulo: Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, 1980.

DAMIANI, Amélia Luísa. As contradições do espaço: da lógica (forma) à (lógica) dialética, a propósito do espaço; A crise da cidade: os termos da urbanização. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, DAMIANI, Amélia Luísa & SEABRA, Odette Carvalho de Lima (orgs.). O espaço no fim de século: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999, pp. 48-61 e 118-131, respectivamente.

FERREIRA, João Sette Whitaker. São Paulo: o mito da cidade-global. São Paulo: 2003. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo

FIX, Mariana. Parceiros da Exclusão. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: Boitempo, 2007.

FRÚGULI JR, Heitor. Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez / Edusp / FAPESP, 2000.

HARVEY, David. Los límites del capitalismo y la teoría marxista. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.

Roteiro: USP, centro de São Paulo; avenidas Paulista, Faria Lima, Berrini, e rua Verbo Divino; Santo Amaro; Largo Treze; CEU Grajaú; Panamby; USP

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 11,00

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE: O GESP-LABUR (Grupo de Estudos sobre São Paulo - Laboratório de Geografia urbana DG-USP) congrega diversos pesquisadores em torno do objetivo de desvendar os conteúdos da urbanização da cidade de São Paulo, tendo como foco de análise os fundamentos que explicitam a desigualdade vivida concretamente no cotidiano da metrópole, tendo como perspectiva a construção de uma “geografia crítica radical”. Entende-se por “crítica radical” a Geografia capaz de revelar as contradições constitutivas do processo desigual da produção contemporânea do espaço, e que, ao potencializar o “negativo” desse processo, propõe um caminho profícuo para elucidar os conteúdos não revelados da luta pelo “direito à cidade”. Esta orientação torna possível a elaboração de um projeto de sociedade compromissado com a criação de uma “outra cidade” como destino do homem.

Diante disso, a proposta do GESP envolve a produção de uma “geografia urbana de São Paulo” como meio de tecer caminhos para a construção teórica de uma “geografia urbana crítica radical”.

Eixo de expansão periférica: Santo Amaro e Capão Redondo

Prof.^{fa}. Dr.^a. Odette C. L. Seabra e Lourdes F. B. Carril

DURAÇÃO: das 9h (encontro na Estação Ferroviária Cidade Universitária) às 16h.

EMENTA: O objetivo deste Trabalho de Campo é identificar nas modalidades de uso do espaço da Várzea do rio Pinheiros e na expansão periférica em direção a Capão Redondo: o ambiente construído, integração com exclusão, o ambiente construído, as atividades e negócios; presenças e ausências inscritas no espaço urbanizado; sincronias e diacronias.

Nesse sentido, refletir que as inovações continuam a impulsionar o movimento da modernidade e, projetando-se nos territórios do urbano, criam espaços de riqueza que contrastam com espaços de miséria, no encadeamento de processos de atualização científica e técnica. Por isso, o Primeiro Mundo pode estar também no Terceiro Mundo. Num movimento de reflexão sobre as continuidades e descontinuidades, concentração, simultaneidade, heterogeneidade e funcionalidade, no tempo e no espaço, os nexos que explicam de que maneiras se formam extensos bolsões de pobreza e de que maneiras estão contidas neles as determinações abstratas, não mais entendendo a periferia apenas pelo seu distanciamento do centro, porque vai também se encontrar nas áreas centrais da metrópole.

Roteiro: Esta atividade de campo se estenderá ao longo do Canal do Rio Pinheiros, a partir da Estação de Trens Cidade Universitária. Ordenamos este roteiro segundo os pontos previstos para explanação e diálogo com os participantes, a saber:

1º. Estação Universitária de trens da CMTU

2º. Av. Luiz Carlos Berrini

3º. Distrito Industrial de Jurubatuba

4º. Santo Amaro: Largo Treze de Maio

5º. Capão Redondo

VAGAS OFERECIDAS: 20

INSCRIÇÃO: gratuita

APRESENTAÇÃO DAS PROPONENTES: Odette C. L. Seabra é professora do Departamento de Geografia da USP, pesquisadora de questões urbanas, com ênfase na metrópole de São Paulo. Lourdes F. B. Carril é pesquisadora do Laboratório de Geografia Urbana (LABUR/DG).

Espacialidades periférico-centrais na cidade de São Paulo

Prof. Dr. Anselmo Alfredo, Rinaldo P. Gomes, Ana Cristina M. Silva

DURAÇÃO: 1 dia – das 8h30 às 17h (saída e chegada na USP)

EMENTA: Apresentar elementos para a análise da mobilidade da centralidade na e da realidade metropolitana moderna, considerando-se que as suas mudanças de referência – o que era o centro passa a ser a periferia e vice-versa – correspondem aos momentos constituintes da realidade moderna assentada no mundo da mercadoria, onde será também explorada a presença de formas ilusórias que se estabeleceram como necessidade da efetivação de tais centralidades.

A presença dos aldeamentos indígenas refere-se à centralidade estabelecida como momento de conquista do sertão demandada pela racionalidade do lucro comercial onde a própria produção do trabalho, enquanto elemento de valorização daquilo que se punha como lucro comercial de então se estabelece como uma centralidade da realidade propriamente paulista. Desta maneira, a própria constituição de tais aldeamentos se o fizeram como forma não só de instituir uma destribalização das terras, como momento da propriedade privada da terra propriamente, como também, simultaneamente, foram responsáveis pela presença de um trabalho que pudesse tornar a colônia produtiva segundo as exigências do lucro comercial estabelecido. Portanto, no que diz respeito a um momento importante de realização das relações agrário-urbanas do planalto paulista, trata-se de estabelecer o sertão como a centralidade que dava sentido às formas de sociabilidade demandadas por uma lógica que já se firmava a partir dos nexos da mercadoria, do valor. É certo que, juntamente com o processo de apresamento desta mão de obra, tratava-se de constituir, ainda que precariamente, uma ética do trabalho que se punha sob a insígnia da catequese jesuítica, como ilusão necessária daquele momento, cujas contradições iremos discutir ao longo de

nossos diálogos.

Num outro plano, a saída de campo buscará contrastar esta centralidade quando não só o trabalho conquista, por seus mais diferentes percursos (sem uma unidade contínua entre os aldeamentos e a forma de a força de trabalho se instituir atualmente) uma centralidade efetiva na sociedade moderna e, agora, metropolitana de São Paulo. Esta nova forma de centralidade posta, uma vez mais, pela forma valor e seu fundamento (o trabalho), traz os elementos de uma cidade que se faz através do mundo das fábricas e suas respectivas vilas, pondo a vida determinada pelos nexos da produtividade industrial cuja especificidade na periferia do capitalismo foi a determinação crítica de sua própria formação, porque a produção fabril não foi suficiente para acumular os seus pressupostos e, quando da incorporação de capitais estrangeiros para tal fez-se por uma produtividade importada que na realidade periférica era, ao mesmo tempo, crise do trabalho. O momento de nossa atividade de campo que permitirá observar estes elementos será a visita a uma vila operária no Bairro do Jaguaré, antigo bairro industrial de São Paulo.

Se este foi o elemento central que estabeleceu os próprios nexos espaciais da cidade de São Paulo, pondo o campo (sertão) como sua periferia, o último quartel do século XX é um momento de aprofundamento desta crise do trabalho produtivo como centralidade da sociedade moderna em todos os seus aspectos, estabelecendo os termos de uma crise da reprodução social do mundo da mercadoria, na medida em que o valor se põe sem o seu elemento que o valoriza, isto é, sem o trabalho. Trata-se, portanto, de uma crise do mundo do trabalho.

Assim, se, desde o princípio, o nexo formativo da realidade urbana e agrária brasileira se o fez pelo trabalho, pondo este como fundamento dos centros, que pensar como elemento fundamental das novas formas de espacialidades e centralidades postas pela crise do trabalho?

Assim, o objetivo é o de, na visita à considerada periferia urbana, conhecer os elementos de uma nova contradição espacial, entre centro e periferia, onde a esta se põe como um dos planos da generalização do consumo, como forma de reprodução de uma realidade determinada pela forma mercadoria, embora sem o processo fundamental de valorização, isto é, a própria força de trabalho. Se as ilusões o são, agora, a ascensão pela maior capacidade de consumo também na realidade periférica da metrópole, observa-se os termos do que se pode compreender como centralidade ou não da metrópole ainda determinada pelos sentidos da forma mercadoria.

Roteiro: Aldeia de Carapicuíba – Bairros periféricos da zona norte de São Paulo.

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 11,00

APRESENTAÇÃO DOS PROPONENTES: Anselmo Alfredo é professor do Departamento de Geografia, pesquisador do Laboratório de Geografia Urbana (LABUR/DG) e atuando, especialmente, nos temas sobre modernização, espaço e tempo. Ana Cristina é pós-doutoranda no Departamento de Geografia da USP, atuando principalmente nos seguintes temas: forma urbana, entesouramento, produção do espaço, mobilização, Fortaleza. Rinaldo P. Gomes é doutorando do Departamento de Geografia da USP.

Hip Hop em vias urbanas

André Simões

DURAÇÃO: 1 dia – das 8h30 às 19h30 (saída e chegada na USP)

EMENTA: Este trabalho de campo tem como objetivo introduzir o Movimento Cultural Hip Hop no ambiente acadêmico a partir da prática do trabalho de campo em geografia. Para atingir este objetivo, a proposta é circular por São Paulo e pensar a cidade, nas suas variadas dimensões: circulação, ocupação do espaço (público e privado), os aspectos sociais, tais como pobreza, violência, trabalho; para assim relacionar estes aspectos da vida cotidiana com a identidade simbólica e material deste fenômeno urbano.

Buscaremos entender as opções, as mudanças nas trajetórias individuais e coletivas e também na forma de apropriação e circulação na cidade.

Assim, podemos pensar a apropriação do espaço urbano sob a ótica simbólica. O posicionamento geográfico, bem como seus deslocamentos são importantes para este objetivo na medida em que se articulam com o acúmulo de capital simbólico dos atores. Esse deslocamento é pensado historicamente, e por isso, vai além do uso cotidiano do espaço urbano.

Roteiro:

Vila Madalena: apreciação do Graffiti. Conversa com Graffiteiros e MCs da região.

Centro da Cidade: São Bento (Largo e Metrô); Galeria 24 de Maio. Conversa com trabalhadores das lojas, MCs, DJs e público; Praça Roosevelt.

Periferia: Diadema, Canhema, Casa do Hip Hop. Conversa com Nino Brown, Marcelinho e outros artistas.

VAGAS OFERECIDAS: 25

INSCRIÇÃO: R\$ 5,00

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE: Graduando em Ciências Sociais pela FFLCH/USP. Militante do Movimento Cultural Hip Hop desde 1997, atuando em atividades artísticas, culturais e educacionais. É MC do grupo H2P, produtor musical, produtor cultural, um dos idealizadores e coordenadores do Portal Mundo da Rua, sobre cultura Hip Hop. Faz palestras, oficinas e cursos ligados ao Hip Hop e também desenvolve um trabalho de pesquisa sobre os músicos de Rap na cidade de São Paulo.

Indígenas e camponeses na metrópole

Heitor Antônio Paladim Júnior e Evandro Noro Fernandes

DURAÇÃO: 1 dia – das 7h30 às 17h30 (saída e chegada na USP)

EMENTA: Neste Trabalho de Campo conheceremos a Aldeia Krukutu do povo Guarani e duas unidades camponesas da Região Sul do Município de São Paulo. Refletiremos sobre as demandas socioterritoriais das questões agrária e indígena brasileira pelo prisma de suas similaridades e diferenças. Nesta expedição teremos contato com lógicas que contradizem entendimentos e compreensões sobre a metrópole paulista. As observações e as vivências também possibilitarão a compreensão da resistência desses sujeitos socioterritoriais em sua luta para conquista e manutenção dos seus territórios.

Roteiro: USP – Aldeia Indígena Guarani Krukutu – Bairro Embura, produção de hortaliças e cogumelos shitake - Produção Camponesa em Marsilac - USP.

OBS: Na aldeia Krukutu é necessário pagamento de taxa de R\$ 7,00 por pessoa.

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 15,00

APRESENTAÇÃO DOS PROPONENTES: Heitor Antônio P. Júnior é doutorando do Departamento de Geografia da USP e tem experiência atuando enquanto Geógrafo - Educador principalmente nos seguintes temas: formação de educadores e educadoras, questão agrária e campesinato (educação do campo), reforma agrária, educadores / as da reforma agrária, educação de Jovens e adultos e educação indígena.. Evandro N. Fernandes é mestrando em Geografia Humana pela USP, com pesquisa em Agricultura e Urbanização. Ênfase dos estudos na questão agrária e do meio ambiente, educação ambiental, de jovens e adultos.

Migrações para São Paulo

Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann

DURAÇÃO: 1 dia – das 8h (encontro na estação do metrô Brás) às 18h (na Baixada do Glicério)

EMENTA: O trabalho de Campo vai situar os deslocamentos migratórios para Soa Paulo sobre o ângulo do conceito da mobilidade do trabalho entre o momento da formação da ocupação do Estado com migrante estrangeiros em função da ascensão da cafeicultura até os momentos atuais do colapso do processo da modernização. Para este fim será visitado o Memorial do Imigrante (antiga hospedaria), o Bairro do Brás (para conhecer os processos de uma tradicional migração nordestina) até a casa de migrantes da Pastoral dos Migrantes na Baixada do Glicério, que acolhe hoje predominantemente hispano-americana-

nos e africanos.

O percurso, com duração com cerca de 9h, será realizado a pé.

VAGAS OFERECIDAS: 30

INSCRIÇÃO: gratuita

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE

Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Laboratório de Geografia Urbana (LABUR/DG) dos processos migratórios, da mobilidade do trabalho e da teoria social crítica.

Nas margens do centro – sobre a vida, a rua e o lixo no Centro de São Paulo

Daniel De Lucca Reis Costa

DURAÇÃO: 1 dia - das 10h (encontro no Pátio do Colégio) às 16h (na Baixada do Glicério)

EMENTA: Este trabalho de campo busca explorar e introduzir a questão das redes de relações que articulam o universo das ruas e do lixo no centro de São Paulo, enfocando os mecanismos estatais, não-governamentais e de mercado que incidem diretamente na reprodução das condições da vida urbana dos, assim chamados, moradores de rua e catadores de materiais recicláveis.

Roteiro: A primeira parte inicia-se com uma caminhada atenta pelo triângulo histórico da região central. Esta primeira observação da paisagem permite levantar elementos para a problematização das classes baixas e dos grupos populares da região, os modos de sociabilidade no espaço público, as formas de interação com o ambiente construído e os artefatos urbanos. Num segundo momento, o trajeto desloca-se em direção à Baixada do Glicério. Conhecido como “região problema” pelas autoridades públicas, o Glicério insinua-se como uma centralidade que condensa uma grande diversidade de práticas consideradas “marginais” pelos agentes da ordem urbana. Ali, buscar-se-á visitar alguns equipamentos, instituições e espaços de trabalho próprio ao universo dos moradores de rua e catadores de materiais recicláveis. Nestas visitas pretende-se ouvir narrativas e relatos de sujeitos diretamente envolvidos com este universo, de modo a entrecruzar perspectivas e problematizar temas como o assistencialismo, o cooperativismo e a mobilização política na trama de suas relações urbanas.

VAGAS OFERECIDAS: 35

INSCRIÇÃO: gratuita

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE: Graduando em Geografia pela USP, possui graduação em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e mestrado em Antropologia social na USP. Atualmente é pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana Mestre em Sociologia, estudante de graduação em Geografia.

Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar

Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo

DURAÇÃO: 1 dia - das 6h às 23h (saída e chegada na USP)

EMENTA: O trabalho de campo buscará por meio de observação da paisagem no Litoral Norte de São Paulo e Sul Fluminense promover o debate sobre as formas aparentes derivadas das relações entre a dinâmica da sociedade e a dinâmica da natureza, considerando o turismo e a conservação ambiental como conteúdos dinamizadores do território e promotores de conflitos sociais.

Atividades a serem desenvolvidas:

Identificação de Unidades de Paisagem em diversas escalas

Observação de formas do meio físico e biótico

Observação das formas de uso e ocupação da terra

Identificação de formas e estruturas de turismo

Identificação de estruturas e formas de conservação da natureza

Identificação de possíveis conflitos sociais existentes

Metodologia

Em cada parada será designada atividades para cada dupla para observação e registro de informações que deverão ser plotadas em mapa do roteiro do trabalho de campo.

Ao final do dia será apresentado os resultados das observações eventuais entrevistas e registro fotográficos para organização do material de forma coerente como o roteiro.

Materiais Necessários:

Roupa simples e confortável (Moletom, calça jeans, roupa de banho para um eventual mergulho ou banho de cachoeira)

Tênis ou bota confortável anti-derrapante, Boné

Nessa época do ano não é comum infestação de mosquitos, mas quem é alérgico deve levar um repelente (Off)

Garrafa d'água ou cantil

Bolachas ou mix de castanhas

Sanduíches e outros alimentos portáteis para almoço (levem algo a mais para que possamos fornecer o lanche para o motorista)

Maquina fotográfica

Caderno de campo

ROTEIRO

Rodovia Ayrton Sena, Carvalho Pinto, Tamoios

1ª Parada: Alto da Serra do Mar

2ª Parada: Orla no Centro de Caraguatatuba

3ª Parada: Praia na região Sul de Ubatuba

4ª parada: Orla Itagua

5ª Parada: Rio Santos próximo a Itamambuca

6ª Parada: Sertão da Fazenda da Caixa

7ª Parada: Praia da Fazenda

Almoço no Núcleo Picinguaba

8ª Parada: Vila de Picinguaba

Retorno para São Paulo

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 43,00

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE: Professor do Programa de Mestrado em Hospitalidade Universidade Anhembi Morumbi. É pesquisador associado do Laboratório de Tecnologias e Desenvolvimento Social – LTDS, do Programa de Engenharia de Produção, da COPPE/UFRJ. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Planejamento Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: turismo, meio ambiente, hospitalidade, desenvolvimento sustentável e políticas públicas.

O centro da cidade e as transformações para sua revalorização

Profª. Drª. Glória de Anunciação Alves

DURAÇÃO: 1 dia – das 9h (encontro nas escadarias do Teatro Municipal) às 13h

EMENTA: A idéia é discutir com os participantes o que significam as transformações da área central de São Paulo, a que interesse estão ligadas e os conflitos resultantes desse processo. Estaria ocorrendo uma gentrificação cultural?

Roteiro: Encontro nas escadarias do Teatro Municipal, Viaduto do Chá, Praça Patriarca, Largo do São Francisco, Catedral da Sé, Pátio do Colégio, Rua Boa Vista, Bolsas de Valores e de mercadorias e futuro, Centro Cultural Banco do Brasil, Largo São Bento, Ladeira Porto Geral, Mercado Municipal.

VAGAS OFERECIDAS: 30

INSCRIÇÃO: gratuita

APRESENTAÇÃO DA PROPONENTE: Professora do Departamento de Geografia da USP, pesquisadora do Laboratório de Geografia Urbana (LABUR/DG). Atuando principalmente nos seguintes temas: centro, centralidade, apropriação, dominação, uso e São Paulo.

O lastro territorial do processo de produção e circulação de mercadorias

na formação da dita região metropolitana de São Paulo

Felipe Saluti Cardoso e Jenifer de Freitas Sabatini

DURAÇÃO: 1 dia – das 7h às 18h (saída e chegada na USP).

EMENTA: Esta atividade tem por finalidade discutir a dinâmica de consolidação e formação da urbanidade em sua complexidade econômico-territorial, tendo em vista e, para não fugir de foco, a cotidianidade do urbano sob o modo de produção capitalista contemporâneo. Para tanto, é fundamental que os participantes estejam atentos ao trajeto, que foi elaborado através de estudos do processo de produção e circulação de mercadorias na dita região metropolitana de São Paulo.

É necessário apresentar aos participantes a redefinição dos arranjos espaciais frente às contradições do modo de produção capitalista a partir do processo de Industrialização no Brasil. Este processo que ocorre com atraso tem início junto à subordinação burguesa brasileira a burguesia dos países centrais a partir de investimentos do Estado.

Optou-se por levar os participantes a algumas áreas distantes das outras com o intuito de apresentar como se deu a consolidação do processo de produção e circulação de mercadorias e suas conseqüências no território abrangido. Para isso, haverá discussão durante todo o trajeto, já que se trata de parte do trabalho de campo.

A partir da construção da Rodovia Anchieta que liga a cidade de São Paulo à Baixada Santista, tornando-se principal via de circulação e escoamento de mercadorias da Região metropolitana de São Paulo, diversos conglomerados urbanos se formaram devido à instalação de fábricas, com contratação de mão de obra.

A discussão em campo terá início a partir do trajeto onde serão apontadas as Indústrias de capital multinacional instaladas na Rodovia Anchieta – São Bernardo do Campo, sendo que haverá uma parada na Indústria Automobilística Volkswagen.

Cubatão, um dos primeiros pólos industriais do país e todo o conglomerado urbano que se formou por toda a Rodovia Anchieta, inserido no Parque Estadual da Serra do Mar é parada fundamental deste trabalho, já que demonstra a trajetória de ocupação das comunidades dos bairros chamados cotas que estão intrinsecamente ligados a construção da Rodovia para circulação e escoamento de mercadorias. Haverá três breves paradas pelos bairros inseridos no Parque Estadual.

A Vila de Paranapiacaba no Município de Santo André será o próximo ponto a ser visitado.

Em 1861, através de um canteiro de obras para construção de uma ferrovia (São Paulo Railway) que ligasse o planalto ao litoral, se inicia a formação da vila de Paranapiacaba. Esta ferrovia nasce para atender às necessidades que vêm de fora, já que é utilizada para escoamento de produtos que chegarão ao porto de Santos para serem enviados aos outros países. Para a construção da ferrovia foram abertos mais quatro patamares na Escarpa.

A vila tem em média 2.500 habitantes e é patrimônio cultural do Estado de São Paulo e os moradores vivem do turismo local, havendo uma expropriação da grande maioria dos operários que trabalharam na ferrovia, pois ficaram desempregados e as condições de moradia passaram a se estabelecer de outra maneira.

Por fim, haverá parada essencial no centro velho de São Paulo, onde se discute como se deu o princípio da indústria e do operariado paulista.

Roteiro:

Saída: USP-Butantã.

Primeira parada: Município de Cubatão - Bairros cotas (três pontos a serem discutidos).

Segunda parada: Vila de Paranapiacaba.

Terceira parada: Indústrias de capital multinacional instaladas na Rodovia Anchieta – São Bernardo do Campo.

Quarta parada: Belém, Brás e Mooca – Princípio da indústria e do operariado paulista.

Chegada: USP-Butantã.

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 22, 00

APRESENTAÇÃO DOS PROPONENTES: Felipe Saluti Cardoso: Graduado em Li-

cenciatura e Bacharelado em Geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Centro Universitário Fundação Santo André.

Jenifer de Freitas Sabatini: Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Centro Universitário Fundação Santo André.

Perfil Geológico-Geomorfológico do trecho São Paulo – Pardinho (SP)

Prof^ª. Dr^ª. Bianca Carvalho Vieira

DURAÇÃO: 1 dia – das 7h30 às 19h (saída e chegada na USP)

1. EMENTA e OBJETIVOS: Identificar as principais formas de relevo associadas aos diferentes tipos de rochas;

Relacionar os diferentes tipos de minerais e rochas com a tipologia do relevo da área;

Identificar feições geológico-geomorfológicas;

Discutir o tipo de uso e ocupação na área e sua relação com a Geomorfologia e

Identificar os processos endógenos e exógenos na formação do relevo da área.

2. NORMAS E ORIENTAÇÕES (HORÁRIOS, ALIMENTAÇÃO, ROUPAS, EQUIPAMENTOS)

Usar roupas claras; agasalhos; calça comprida; boné; bota de campo (ou sapato fechado);

Levar meias e camisetas reservas e capa de chuva;

Equipamentos (sugestão): lupa de bolso; máquina fotográfica; caderneta de campo ou prancheta; lápis, caneta e borracha;

Levar água e lanche. A parada para o almoço será por volta das 14:00.

Durante a parada à beira de estradas e rodovias, tenha um CUIDADO redobrado com o trânsito de automóveis e caminhões;

Algumas paradas são de difícil acesso. Desta forma, tenha cuidado com áreas íngremes e escorregadias.

É PROIBIDO o uso de bebidas alcoólicas durante a realização do campo;

Em função do grande número de participantes, é necessário que o grupo permaneça junto durante todo o percurso objetivando o melhor desenvolvimento e rendimento do trabalho;

3. ROTEIRO - Rodovia Castelo Branco (SP-280).

1º Parada: Barueri (Km26). Observação do relevo em rochas graníticas

2º Parada: Rodovia Castelo Branco. Observação do relevo em rochas graníticas (Campo de Matacões)

3º Parada: Entrada para Araçariguama (Km 49). Observação do relevo em rochas metamórficas

4º Parada: Próximo ao município de Sorocaba (Km 78). Observação da Depressão Periférica Paulista.

5º Parada: Rodovia Castelo Branco. Parada para o Almoço (Município de Quadra)

6º Parada: Rodovia Castelo Branco. Observação de um dique de Diabásio.

7º Parada: Rodovia Castelo Branco. Observação das Formações Botucatu e Pirambóia.

8º Parada: Estrada em direção ao município de Pardinho. Observação das Cuestas de Botucatu

9º Parada: Estrada em direção ao município de Pardinho. Observação dos mantos de intemperismo provenientes do basalto (Serra Geral)

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 32, 00

APRESENTAÇÃO DA PROPONENTE: Professora do Departamento de Geografia da USP, pesquisadora do Laboratório de Geomorfologia (DG). É membro da Diretoria da União da Geomorfologia Brasileira na qual atua como tesoureira.

Relações de Trabalho e de Produção no campo em São Paulo – a luta pela terra e a reforma agrária

Prof^ª. Dr^ª. Larissa Mies Bombardi

DURAÇÃO: 1 dia – das 7h às 19h (saída e chegada na USP)

EMENTA: 1. Início da Região Monocultora da Cana-de-Açúcar nas imediações de Campinas e Americana

Trajetos pelas rodovias Anhangüera e Bandeirantes

Atividades:

- Observação e registro do percurso

2. Acampamento Milton Santos (Americana)

Trajetos pela rodovia Anhangüera (SP-330).

Atividades:

- Observação e registro do percurso;

- Visita ao Acampamento;

- Conversa/entrevista com liderança;

- Conversa/entrevista com acampados.

(Almoço)

3. Bairro Reforma Agrária (Campinas/Valinhos);

Trajetos pela rodovia Anhangüera (SP – 330).

Atividades:

- Observação e registro do percurso;

- Observação do Bairro Rural;

Visita a uma propriedade:

- Conversa/entrevista com visitantes.

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 22,00

APRESENTAÇÃO DA PROPONENTE: Professora do Departamento de Geografia da USP e pesquisadora do Laboratório de Geografia Agrária do DG. Atuando principalmente nos seguintes temas: geografia agrária e teoria e método em geografia.

Urbanização da metrópole de São Paulo e geografia da natureza: subsídios à geografia escolar

Prof.^a. Dr.^a. Cleide Rodrigues e Ana Lúcia Guerrero

DURAÇÃO: 1 dia – das 17h30 às 19h (saída e chegada na USP)

EMENTA: Roteiro: USP – Parque Villa-Lobos e Planície do Rio Pinheiros – Reservatório de Guarapiranga – Campo Limpo – Espigão da Paulista – Interflúvio Anhangabaú – Tamanduateí (Centro Velho) – Ponte Grande / Bandeiras

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 11,00

APRESENTAÇÃO DAS PROPONENTES: Professora do Departamento de Geografia da USP, tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia Física, atuando principalmente nos seguintes temas: geomorfologia aplicada, processos geomorfológicos, geoindicadores no meio tropical úmido, cartografia geomorfológica e geomorfologia e urbanização.

Urbanização e turismo no litoral paulista: uma análise de caso para o município de Bertioga

Prof.^a. Dr.^a. Rita de Cássia Ariza da Cruz

DURAÇÃO: 1 dia – das 8h às 21h (saída e chegada na USP)

EMENTA: Partimos da premissa de que o turismo é uma prática social/atividade econômica que tem como principal objeto de consumo o espaço. Tal premissa nos conduz ao reconhecimento de que se trata de uma atividade que envolve deslocamento de pessoas e a implementação de novos objetos bem como a apropriação de objetos já existentes no território. Outro pressuposto norteador deste trabalho de campo é o reconhecimento de um forte vínculo entre turismo e processo de urbanização, sendo a atividade uma motivadora desses processos. Este trabalho de campo volta-se, assim, para uma análise da dimensão espacial das práticas turísticas e de seus desdobramentos sócio-espaciais, a partir de um estudo de caso: município de Bertioga, Baixada Santista.

Roteiro: São Paulo – Bertioga (Ayrton Senna e Mogi Bertioga); em Bertioga (Praia da

Enseada, Forte de São João, Condomínio Hanga Roa, Loteamento Indaiá, Riviera de São Lourenço). Retorno para São Paulo.

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 32,00

APRESENTAÇÃO DA PROPONENTE

Professora do Departamento de Geografia da USP, tem experiência na área de Geografia do Turismo, com ênfase em Ciências Humanas, atuando principalmente nos seguintes temas: turismo, território, políticas públicas, produção do espaço.

Usos e Transformações do Espaço Urbano de Campinas-SP: município de interior, dinâmica de metrópole

Francis Pedroso

DURAÇÃO: 1 dia – das 17h30 às 18h (saída e chegada na USP)

EMENTA: Saída de São Paulo às 07h30, chegada prevista em Campinas às 09h30. Visita aos Distritos Industriais e Pólos de Tecnologia. Visita ao Centro da Cidade e almoço na área central, pela tarde saída de Campo ao Distrito de Souza e a APA de Joaquim Egídio, onde fica um dos pontos principais de captação de água do município e depois visita ao Distrito de Aparecida, bairro popular que foi construído durante os anos 1970 e 1980 na periferia de Campinas. Por volta das 16h30 retorno previsto para São Paulo.

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 20,00

APRESENTAÇÃO DA PROPONENTE: Possui graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e graduação e mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (2005).

Vale do Ribeira – heterogeneidade ou subdesenvolvimento

Carlos Carriel Castro

DURAÇÃO: 2 dias (saída às 7h da manhã do sábado na USP e chegada prevista às 18h do domingo na USP)

EMENTA: A presente proposta de Trabalho de Campo tem por objetivo o estudo de alguns aspectos de uma região do estado de São Paulo, que se caracteriza pela sua configuração sócio-espacial diferenciada com relação às demais do estado. O Vale do Ribeira apresenta a maior área contínua de Mata Atlântica preservada, ainda contém um grande número de ecossistemas preservados e é ocupado por heterogeneidade de grupos sociais, indo de pequenas cidades que criam-se a partir da ação de grandes multinacionais, à comunidades tradicionais, como, ribeirinhos, pescadores, guaranis e quilombolas.

O objetivo do estudo é vivenciar e conhecer uma determinada ocupação do território, que resulta em um intenso debate onde temos de um lado, a adjetivação da região, como a mais subdesenvolvida do estado, apresentando os piores índices socioeconômicos, e por outro um olhar onde busca-se entender que tal ocupação, determinada em grande parte pela estrutura geomorfológica e pela biodiversidade da região, gerou uma heterogeneidade de fazeres sociais, que vai de encontro aos critérios de avaliação propostos para outras regiões do estado.

Veremos também, que uma leitura do território, onde usa-se critérios homogeneizantes de classificação social, tende a servir aos objetivos de empreendimentos de grandes empresas. A luta contra alguns desses empreendimentos, que hoje são pauta dos movimentos sociais locais, serviram para que tomemos contato e busquemos desvendar a realidade local a partir dos sujeitos que resistem na tentativa de continuar a ordenar o espaço por eles vivido.

Roteiro:

1ª parada - 26/07 às 9h30: Registro – visita ao museu da migração japonesa, observação do rio Ribeira de Iguape e estudo do sentido e estrutura da ocupação do Vale a partir desse ponto)

2ª parada – 26/07 às 11h: Comunidade quilombola do Mandira e cooperativa de ostra da comunidade;

NOTAS: RELATÓRIO DA COMISSÃO DE TRABALHO DE CAMPO XV ENG - 2008...

3ª parada 26 e 27/07:

15h: Cananéia – estudo de alguns aspectos da cidade histórica.

19h30: Debate com Coletivo Educadores do Lagamar, MAB e Idesc, sobre a construção da hidrelétrica do Tijuco Alto.

22h: Atividade cultural com Coletivo.

Domingo:

9h: observação da região do lagamar através de passeio de escuna

11h: debate com representantes da Agrofloresta – Cooperafloresta da Barra do Turvo e Ocimar Bim (Parque Estadual da Barra do Turvo).

15h30: retorno a São Paulo

VAGAS OFERECIDAS: 47

INSCRIÇÃO: R\$ 37,00

APRESENTAÇÃO DO PROPONENTE: Coordenador do Espaço de Dispersão Cultural Terra de Montanhas – Barra do Turvo – Vale do Ribeira, professor da rede pública do Estado de São Paulo, Graduado em geografia pela PUC-SP, membro da direção da AGB-SP – gestão 2005 - 2006).

Visita ao Centro de Ciência da USP/Estação Ciência. Exposição “O Planeta Terra e a Preservação Ambiental”

Edelci Nunes da Silva, Maria del Carmen M. Ruiz, Job Carvalho

DURAÇÃO: 1 dia – das 10h30 (encontro no terminal de ônibus da Lapa) às 12h30.

EMENTA : “O Planeta Terra e a Preservação Ambiental”.

Composta de maquetes, painéis, objetos, rochas, minerais e mapas explicam os principais conceitos da geociências. Uma animação computadorizada mostra o processo de deriva dos continentes e formação dos fundos oceânicos. Simulador de terremoto, tsunamis, exemplares de amostras geológicas, maquete da região metropolitana e de parte do estado de São Paulo, maquete de uma bacia hidrográfica, do Aquífero Guarani etc. fazem parte da exposição.

Trata-se de uma das exposições mais completas e interativas de todo o mundo na área de Ciências da Terra.

Curadoria: Instituto de Geociências - IGC / USP. Parceria: Petrobras

VAGAS OFERECIDAS: 60

INSCRIÇÃO: gratuita

APRESENTAÇÃO DOS PROPONENTES: Edelci Nunes da Silva é graduada em geografia e mestre em saúde ambiental pela USP, e atualmente é Educadora da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia Física. Atuando principalmente nos seguintes temas: ambiente, cidade, favela, saúde ambiental, temperatura. Maria Del Carmen M Ruiz possui mestrado em Física pela USP e atualmente é educadora - coordenadora da monitoria da Estação Ciência da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação em museus, formação de estagiários e desenvolvimento de materiais didáticos. Job Carvalho é mestrando em geografia e graduado em biologia pela USP e atualmente trabalha na Estação Ciência, desenvolvendo trabalhos junto às exposições científicas e orientação didático-pedagógicas para professores e alunos. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em meio ambiente, gestão ambiental, turismo, docência no ensino fundamental e médio.

Foi visando oferecer trabalhos de campo ao maior número de encontristas, que os convites para formulação de trabalhos estenderam-se aos professores dos departamentos de geografia da USP e da PUC-SP. Não praticamos nenhuma espécie de restrição a qualquer a trabalho proposto, ou sugerido.

Chegamos a fazer, no âmbito da comissão, uma seleção de temas que seriam, a nosso ver, importantes de se abordar em trabalhos de campo no XV ENG. No entanto, esta lista ficou esquecida diante das propostas que foram se apresentando. Estimulamos a realização de trabalhos de campo dos quais tínhamos conhecimento, dialogando pessoalmente com professores e estudantes, no entanto a idéia de se contemplar um leque temático a priori,

não se verificou na prática. Seja porque apareceram diversos trabalhos de temáticas não pontuadas, desdobradas de temáticas mais gerais, seja pois era inviável insistir mais do que havíamos feito através de e-mails e contatos pessoais.

Alguns trabalhos foram mencionados, mas não chegaram a se concretizar como propostas formalizadas entregues à comissão.

Os prazos de formulação das propostas, e de entrega das ementas foram flexibilizados, e, em última análise aceitamos inclusões em qualquer momento do processo.

Verificamos, no entanto que os trabalhos propostos ao final deste, por pessoas mais distantes da dinâmica recente da AGB-SP e do Departamento (FFLCH/USP, uma vez que da PUC-SP não concretizou-se nenhuma propostas) tiveram maior dificuldade de se agregar ao processo de construção da atividade no ENG. Foram estes trabalhos que ficaram na iminência de não se efetivarem, às vésperas do XV ENG.

Conforme já mencionado no tópico referente às inscrições, apesar de os trabalhos de campo terem sido bastante procurados nas pré-inscrições pela *Internet*, na efetivação da inscrição mediante pagamento não se verificou na data estabelecida, nem durante todo o ENG, a lotação das vagas oferecidas, em nenhuma saída paga. Cabe ressaltar que as 5 saídas com inscrição gratuita (nas quais a locomoção ao local do trabalho de campo era por conta de cada participante) tiveram suas vagas totalmente preenchidas.

Diante disso, a comissão ponderou sobre o oferecimento dos trabalhos, e optou por não fazer nenhum cancelamento de saída, bem como aglutinação de temáticas. Utilizando-nos das verbas oferecidas pela Universidade de São Paulo, os gastos representados pelo montante de vagas ociosas foram cobertos e todos os trabalhos foram realizados, mesmo que com grupo reduzido de participantes.

Das 850 vagas disponibilizadas, foram preenchidas 640.

Inscrições

Ao fazer o planejamento dos trabalhos de campo, a comissão idealizou a existência de uma pré-inscrição para a atividade, a fim de ter uma idéia melhor de quantas pessoas estariam interessadas em participar com alguma antecedência do encontro.

Já na primeira conversa com os proponentes, a idéia foi apresentada aos presentes, que concordaram com a realização desta pré-inscrição, e sugeriram que constasse nela as informações sobre o participante (se estudante de graduação, pós-graduação, professor do ensino básico, ou da universidade). Assim, nos organizamos para termos todas as ementas e o orçamento dos ônibus dos trabalhos de campo no começo de junho, para que os interessados pudessem se inscrever até dias antes do início do XV ENG.

No site, foi divulgado o seguinte texto:

Pré-Inscrições para os Trabalhos de Campo do XV ENG:
16/06/2008 a 14/07/2008

A pré-inscrição não garante a vaga no trabalho de campo. Esta só se confirma na data de inscrição definitiva, no dia 20 de julho, primeiro dia do encontro, mediante o pagamento da taxa de custo correspondente à saída de sua escolha.

Os pré-inscritos terão prioridade na efetivação da matrícula definitiva, sendo o período da manhã exclusivo para todos aqueles que estiverem na lista. No decorrer do dia as inscrições para o Trabalho de Campo estarão abertas a todos aqueles que tiverem interesse.

INSCRIÇÕES (21/07 – segunda-feira no prédio da geografia / história - FFLCH-USP)

Pré-inscritos com inscrição no Encontro: 9h – 12h

Inscritos no Encontro: 13h – 16h

Inscrições abertas aos demais interessados: 16h – 19h

OBSERVAÇÕES:

- Conforme o número de inscritos, pode, eventualmente, haver remanejamento para outros Trabalhos de Campo, ou cancelamentos.

- Os preços anunciados são exclusivamente de transporte. Os trabalhos de campo com inscrição gratuita são aqueles em que os participantes devem se locomover ao local de encontro indicado, por conta própria.

- O preço foi calculado considerando um aproveitamento completo das vagas.

Na primeira semana de pré-inscrição, quase todos os trabalhos de campo já estavam “lotados”. Houve uma discussão se deveríamos iniciar, através do site, uma lista de reserva de vagas, mas essa idéia não foi levada a cabo pois traria mais uma diferenciação na inscrição,

dificultando nossa organização prévia, e porque avaliamos que muitos dos pré-inscritos talvez não aparecessem na data da inscrição definitiva, havendo possibilidade de vagas para aqueles que não conseguiram se inscrever pelo site.

No local de credenciamento, havia um mural do trabalho de campo com as informações sobre as inscrições, divulgando, com exceção da ementa, o conteúdo do site (proponente, título, preço, tempo de duração, local de saída e retorno e quantidade de vagas).

Definimos a dinâmica da inscrição, que ocorreu da seguinte forma: primeiramente as pessoas forneciam seus dados ao monitor e recebiam uma ficha com o preço da inscrição. O pagamento era feito no “caixa” – uma mesa separada para receber exclusivamente o dinheiro dos trabalhos de campo. Em seguida retornavam ao local inicial para receber o caderno e o bloco de campo, finalizando sua inscrição.

Na segunda-feira de manhã, muitas pessoas apareceram, porém, grande parte delas não havia feito pré-inscrição. Assim, na segunda à tarde a grande maioria das vagas estavam ociosas, fato que se manteve até o final do dia.

Diante disso, decidimos abrir novamente as inscrições na terça-feira, o dia todo. Ao final do dia a maioria das vagas continuava em aberto. Dessa forma, continuamos fazendo inscrições na quarta e quinta no horário do almoço, quando mais algumas pessoas se inscreveram. Mesmo assim, nenhum ônibus estava lotado, e alguns trabalhos tinham bem poucos inscritos.

Na quinta-feira definimos as listas finais de inscritos em cada trabalho de campo. Elas foram entregues aos proponentes, previamente por e-mail, e impressas, no sábado, juntamente com certificados.

As pré-inscrições, pensadas para balizar nosso planejamento, dando uma noção da quantidade de pessoas interessadas, não teve o êxito esperado, pois a maioria das pessoas que participaram dos campos, não foram as pré-inscritas.

Na reunião após os trabalhos de campo, foi levantada a possibilidade de fazer uma pré-inscrição já com pagamento, o que exigiria uma maior organização da parte financeira do evento, o que tornaria o planejamento mais fácil, pois durante o ENG, a atividade já estaria definida. A outra possibilidade seria retomar o esquema utilizado em muitos encontros, de só ter as inscrições durante o evento.

Faltou uma preparação maior da ficha de inscrição e uma conversa mais detalhada com os monitores, para padronizar as inscrições, para garantir, por exemplo, que depois tivéssemos acesso a todos os e-mails dos participantes.

A inscrição durante o evento, para preencher as vagas ociosas após o primeiro dia, foi feita no horário do almoço, o que foi prático no sentido de não ser necessário uma equipe trabalhando ao longo do dia, e por ser um horário em que muitos dos participantes estavam circulando pelo prédio.

Monitoria

Nos preparativos, que se intensificaram poucos dias antes do Encontro, contamos com a colaboração imprescindível de monitores e amigos na impressão dos cadernos de campo, na amarração dos lápis nos blocos de anotações.

Já no ENG foram os monitores que fizeram todas as etapas de inscrição (preenchimento de dados pessoais, recepção do pagamento, entrega de material) além de fornecerem informações. A comissão de trabalho de campo trabalhou em conjunto com a monitoria, sobretudo nos dois primeiros dias de inscrição. Essa tarefa foi mais intensa no primeiro dia de inscrições, onde atuaram cerca de 25 monitores. Nos demais dias a própria comissão deu conta da tarefa, com eventual colaboração de número reduzido de monitores.

Na data da saída dos trabalhos de campo contamos com monitores desde às 6 da manhã, para organizar as chegadas e partidas dos ônibus. A dificuldade foi que esses monitores não integraram o processo total de organização dos trabalhos de campo, e não tinham domínio necessário das informações. Avaliamos como falha da comissão não ter feito uma reunião mais densa previamente com estes monitores, já que estes só se definiram na véspera das saídas de campo, em parte devido a uma má comunicação das nossas

necessidades por parte da monitoria geral do ENG.

A maioria dos trabalhos de campo contaram com monitores próprios, ou seja, os proponentes agregaram ao trabalho estudantes de graduação ou pós-graduação já previamente familiarizados com as pesquisas relacionadas ao tema da saída. Somente poucos proponentes solicitaram monitores do XV ENG. Com exceção de uma saída, que infelizmente não teve adesão de monitor, todos os trabalhos contaram com monitoria. Cabe aqui a auto-crítica da comissão: não empreendemos a tarefa direta em “escalar” monitores para qualquer função. Contamos com a dinâmica da comissão de monitoria, que divulgava as tarefas necessárias, alocando, conforme afinidade e interesse os monitores do Encontro. Cabe ressaltar que houve trabalhos com dois ou mais proponentes, ou ainda propostos por um grupo de estudos. Nesses casos os próprios proponentes monitoraram seu trabalho de campo.

Orçamento

Devido ao grande número de trabalhos de campo a serem realizados, buscamos orçamentos com diversas empresas que tivessem disponível a quantidade de ônibus necessária. Outra preocupação foi a escolha da empresa que tivesse o menor preço no total de campos realizados, pois seria muito complicado o contrato com várias empresas.

Assim, foram enviados e-mails com pedidos de orçamentos para as empresas no final de maio. Tivemos dificuldade de encontrar empresas com disponibilidade da quantidade de ônibus e da data a ser realizada, por isso no começo de junho foram enviadas solicitações de orçamentos para mais empresas, e desta vez obtivemos respostas mais favoráveis.

Como não havia verba destinada à realização dos trabalhos de campo dentro da estrutura do encontro, pois foi definido em RGC que esta seria uma atividade custeada pelos participantes, decidimos solicitar apoio por parte das pró-reitorias da USP. Para isso, fizemos um projeto em que explicávamos a importância do ENG para a geografia brasileira, e a importância dos trabalhos de campo no evento. O projeto foi entregue em Abril para cada uma das pró-reitorias da USP (Cultura e Extensão, Pesquisa, Graduação e Pós-Graduação).

Sem a certeza se conseguiríamos essa verba ou não, fizemos os cálculos dos custos por participante de cada campo baseados na lotação máxima de cada ônibus. Como já na primeira semana de pré-inscrição, quase todos os trabalhos de campo já estavam lotados, acreditamos que haveria uma procura muito grande pelos campos na inscrição definitiva, e que estes seriam realizados com a maioria das vagas preenchidas.

A empresa escolhida oferecia o menor preço total e o maior número de lugares por ônibus, o que ampliava as vagas e diminuía o preço para cada participante. Tivemos alguns problemas de comunicação com a empresa após os acertos feitos em meados de junho. Quando retomamos o contato com a empresa em julho, para confirmação do contrato, a pessoa com a qual vínhamos negociando alegou ter entendido que as datas dos campos seriam em 26 e 27 de junho, e isso aumentaria o preço, pois a data em julho era em um fim de semana.

Diante desse impasse, iniciamos a semana do evento e as inscrições sem ter ao certo o valor total que deveríamos pagar à empresa. Mas já sabíamos que com essa alteração do preço, mesmo que todos os campos saíssem lotados, o dinheiro arrecadado com as inscrições não seria suficiente para o pagamento da empresa.

Assim, foi com alegria que conseguimos retirar a verba das duas pró-reitorias— Pós-Graduação e Cultura e Extensão – que haviam destinado parte de seu orçamento para o trabalho de campo do XV ENG, nos valores de R\$ 7.000,00 e R\$ 5.000,00 respectivamente. Isso porque estávamos com dificuldade de retirá-las devido aos trâmites burocráticos da Universidade.

No nosso planejamento esse dinheiro seria usado para pagar essa diferença, e o restante serviria para uma publicação pós-encontro. Diante do não preenchimento total das vagas, foi dispensado deste montante cerca de R\$10.000,00 para cobrir vagas ociosas garantindo a realização de todos os trabalhos de campo.

Detalhamento orçamentário

Recebemos: R\$ 19.674,00

- R\$ 12.000,00 das pró reitorias
- R\$ 7.674,55 das inscrições dos participantes

Utilizamos: R\$ 17.437,00

- R\$ 15.200,00 no pagamento da empresa de ônibus
- R\$ 1.637,00 no pagamento do combustível e das diárias dos ônibus oferecidos pela FFLCH
- R\$ 600,00 de custeio de atividades do trabalho de campo: Vale do Ribeira – heterogeneidade ou subdesenvolvimento
- R\$ 137,55 gastos nas reuniões de avaliação pós-campo

Sobra: R\$ 2.200,00

Atividades Pós-Campo

Imediatamente depois da realização dos trabalhos de campo foi feita uma avaliação interna da comissão e discutido o procedimento pós-encontro.

Sem receber informações de todos os grupos, chegaram ao nosso conhecimento apreciações positivas.

Foi organizada uma reunião de agradecimentos, avaliação e confraternização com todos os coordenadores e monitores dos trabalhos de campo, no sábado dia 9 de agosto.

Dos 22 trabalhos de campo realizados estavam representados 9. Durante uma parte da reunião participaram membros da Diretoria da AGB-SP na discussão.

As manifestações destacaram:

- O bom êxito dos trabalhos de campo;
- O interesse grande dos participantes do ENG na realização de trabalhos de campo;
- A proposta de garantir e incentivar a realização de TCs nas seções locais e nos próximos ENGs;
- A criação de um grupo temático “Trabalho de Campo” na AGB-SP;
- A publicação de relatos dos TCs do XV ENG numa edição da DEN.

Sem chegar a uma conclusão definitiva foi novamente problematizado o dia de realização dos TCs no ENG. Continuaram opiniões a favor da quarta-feira, no meio do Encontro, pois evita esvaziamento; e a favor da realização no final do ENG, argumentando com o êxito do XV ENG com 640 participantes.

Para dar andamento à publicação a comissão organizadora convidou novamente todos os proponentes para a participação e realizou no dia 30 de agosto um encontro na sede local da AGB-SP.

Na ocasião foram tomadas as seguintes decisões:

Cronograma inicial da produção da publicação:

OBS: Esse cronograma foi alterado devido à dificuldades da comissão.

Até 10/09: envio de e-mails para os participantes comunicando da realização da publicação e estimulando o contato desses com os coordenador(es) do trabalho de campo que realizaram;

Até 07/10: envio dos textos sob responsabilidade dos coordenadores à comissão;

Até 10/10: leitura e possível adequação dos artigos pela comissão;

Até 31/10: envio do material a ser publicado à Comissão de Publicações da AGB Nacional.

Até 10/12: publicação impressa.

Forma dos textos:

- 8 a 15 páginas;
- Evitar ilustrações coloridas;

Composição da publicação:

- Texto de abertura da Comissão;

- Textos da Mesa Redonda no XV ENG “A AGB e Atividades de Campo em Geografia”, da qual participaram os Professores Heinz Dieter Heidemann, Paulo Roberto Alentejano e José Roberto Tarifa;
- Relatos dos trabalhos de campo.

A comissão destacou o desejo da participação ampla dos participantes com depoimentos, registros e reflexões. Para isso todos os coordenadores, monitores e participantes foram informados e convidados para contribuir.

No dia 20 de setembro foi realizada a primeira reunião do Grupo Temático “Trabalho de Campo” da AGB-SP, discutindo textos do BPG 84, principalmente a experiência de trabalho de campo da professora Valéria de Marcos.

Foi estabelecido um ritmo trisemanal para as reuniões e a divulgação ampla das atividades.

Avaliação coletiva

Conquistas

- A afirmação desta comissão como um grupo atuante dentro da AGB-SP e o estabelecimento de um grupo de estudos sobre o TC na geografia demonstrou que a escolha das pessoas por entrarem numa comissão pela qual tinham interesse pelo tema pode gerar frutos para além do encontro.
- A proposta de uma publicação dentro da AGB nacional acerca das experiências dos trabalhos de campos no XV ENG também reforça essa idéia.
- A importância que demos a essa atividade durante o Encontro Nacional de Geógrafos foi também uma reivindicação do trabalho de campo como parte fundamental da formação do geógrafo.
- Optamos por propiciar um amplo leque de trabalhos de campo oferecidos, tentando abarcar o máximo de temáticas e abordagens possíveis, a fim de contemplar os interesses distintos dentro da geografia dos participantes do encontro com uma magnitude como o ENG.
- A busca, atendendo os prazos necessários, e a obtenção de verbas em órgãos fomentadores da universidade foi imprescindível para podermos manter todas as saídas oferecidas e realizarmos as atividades da comissão com tranqüilidade.
- Abrimos a possibilidade para que todos pudessem propor campos (estudantes, professores do ensino básico e professores universitários). Nossa preocupação era em relação à qualidade dos campos disponíveis, não com a origem/momento da vida acadêmica de quem os ministrava.
- A partir do leque temático levantado pela comissão, convidamos grupos e professores para proporem trabalhos, sem restringir as idéias, os métodos e os fundamentos teóricos, que nos chegaram, dando liberdade aos proponentes para construir sua atividade.
- O Caderno de Campo produzido pelos proponentes e distribuído para todos os participantes dos TCs foi de grande importância para a atividade, já que esta, inserida dentro do encontro, não permite, a princípio, uma maior discussão sobre as temáticas abordadas nas saídas, nem sobre os métodos utilizados. Com esse recurso, os participantes puderam ter acesso às propostas, roteiros, mapas e textos de apoio sobre o campo, além de ter à disposição um material escrito, que pode servir para reflexão posterior sobre a atividade.
- A ficha de inscrição inicial preenchida pelos proponentes nos propiciou um controle prévio de informações dos campos, como roteiro, quantidade de pessoas esperadas, preços, etc. facilitando a organização dos trabalhos da comissão.
- O estabelecimento de um intenso diálogo entre a comissão e os proponentes através de pré e pós encontros também foi fundamental para delinear o trabalho da comissão, trazendo idéias para a organização das atividades, e ao mesmo tempo, mantendo os proponentes informados sobre como seria a atividade no encontro.

- A integração de monitores escolhidos pelos proponentes aos trabalhos de campo foram profficuas, já que nossa intenção era a de que o monitor fosse alguém com interesses reais a cerca do campo no qual auxiliava.

- Grande variedade de preços (desde campos gratuitos até campos de dois dias, com custos de estadia, ônibus e etc.).

- Embora nem todos os campos tenham tido suas vagas totalmente preenchidas, optamos por não cancelar nenhum trabalho e cobrimos essa diferença orçamentária.

Dificuldades Identificadas

- A questão orçamentária – os cálculos não devem partir apenas do preço dos ônibus, como fizemos, pois teríamos um rombo enorme caso não tivéssemos obtido verba da universidade para a realização da atividade (teríamos que ter cancelado muitas saídas). Ao mesmo tempo é importante oferecer trabalhos de campo com preço mínimo.

- A pré-inscrição gratuita pelo site do evento foi algo que não nos ajudou e gerou certos problemas durante o encontro. Isso porque acreditávamos, pela alta procura de vagas na pré-inscrição, que todos os campos estariam completos, porém, nem todos aqueles que se pré-inscreveram retificaram sua inscrição e entenderam a pré-inscrição mais como uma manifestação de interesse sem compromisso.

- Faltou organização esquemática no momento da inscrição nos campos durante o evento. E também uma maior integração com os monitores que se responsabilizariam por isso.

- Faltou uma melhor organização da saída dos ônibus, para não haver confusão de ônibus e horários de saída.

- Houve conseqüências negativas da flexibilidade positiva que estabelecemos com os proponentes em relação aos prazos estabelecidos. A exemplo disso temos os cadernos de campo, que foram entregues de última hora e acabaram por gerar um tumulto de impressão nos bastidores do evento.

- A organização de pré-campos durante o evento ficou confusa, pois deixamos em aberto para os proponentes marcarem locais e horários onde ocorreria a atividade, e alguns horários e locais conflitavam com as atividades do evento.

Perspectivas

- A publicação das experiências obtidas nos trabalho de campo do XV ENG, que está sendo gestada, apesar do atraso dos prazos estabelecidos após o evento.

- Dar continuidade a comissão de trabalhos de campo da AGB, incluindo um grupo de discussões a respeito do tema.